

de nós, a arte de contar transparece, com todo vigor, nos rapsodos gregos e dela se valeu, certamente, Demóstenes (o ponto mais alto da oratória de todos os tempos) ao perceber que os jurados não se interessavam pelo seu arrazoado, que decidia sobre a vida de um ateniense. Maliciosamente, então, sussurrou-lhes o conto de um homem que se deitou à sombra de um cavalo. Tão logo veio o dono e lhe solicitou pagamento, pois o animal, sendo seu, também era ele proprietário da sombra... Estabeleceu-se entre os atenienses vigoroso debate de que se valeu Demóstenes para restaurar a atenção perdida.

Séculos após, na França medieval, irrompem os *fabliaux*, (de fable, fábula) na boca dos *troubadours* que, de castelo em castelo, apresentavam narrativas, caracterizadas pela brevidade e um toque de malícia, nas quais se retratavam os variados acontecimentos das aldeias, as desventuras amorosas dos moleiros e artesãos e a perfídia feminina triunfante sobre o outro sexo, através de engenhosos artifícios.

Em Portugal, o mais antigo

Bem posteriormente coube a Balzac conferir ao conto o timbre de nobreza literária. Em Guy de Maupassant o gênero assume forma definitiva ainda não superada. Na tentativa de explicá-lo a um discípulo, Maupassant quis mostrar que a sua elaboração partia da verificação da vida e de uma razoável capacidade de surpreendê-la nos seus aspectos interessantes e vivazes. Depois, bastaria encontrar um bom começo e desfecho.

— E o meio, mestre?

— Ah! aí é que entra o artista.

A explicação vale como uma *boutade*, que deixa o aprendiz no ar, sob o efeito atordoante da frase feita. Na realidade o processo é mais complexo. E o tamanho do conto, o processo de sua elaboração, o conteúdo, o rigor do começo, meio e fim?

A regra possivelmente consiste na ausência de qualquer regra rígida. Quanto à sua extensão, por exemplo, o contista americano William Saroyan nos oferece um conto de menos de três linhas — uma *short-short-story* — que se resume nisto: "O padre voltou-se para o homem que o apunhalara nas costas, examinou-lhe cuidadosa-



sobre a arte de contar ganhe contornos de uma história), afinal o que é o conto?

Mário de Andrade dizia *molecamente* que conto é tudo aquilo que o autor deseja que seja. Quando Mário cunhou tal frase, já o conto não era mais o que pretendiam Valdomiro, Lobato e Antônimo de Alcântara Machado. Nem, a rigor, ele mesmo o fazia. Os pós-modernos e os *meninos* de 45 carimbavam como contos as suas crônicas, *manchas*, devaneios e até pinceladas rápidas para pôr de pé uma personagem. Já não era comum um conto com começo, meio e fim. Ninguém estava preocupado em contar uma história como as que mais tarde faria Guimarães Rosa que, de resto, foi, na década dos 50, com outra linguagem, o autor de um retorno ao passado dos *causos*. Enfim, vinte anos depois de 22, caiu-se num doce anarquia planejada, em que o autor, despoliciado, dizia que era conto o que, vinte ou trinta anos antes, não seria mais do que uma crônica, uma página de memória, um lance de vida.

Como se constata, não sendo fácil definir o que seja um conto ou estabelecer regras para sua estrutura, preferimos o caminho da exposição descompromissada entregando a conclusão a quem lê, numa repetição dos poetas simbolistas que deixavam pelo menos um terço do poema a cargo da imaginação dos leitores. Parafraseando um dos nossos melhores escritores, aqui exercemos tão só o papel de porteiro loquaz ante um auditório de mais de 200.000 jovens que frequentam as nossas escolas. Agora, pois, os mestres vão desfilar e a aula começa.

Ruy Marcucci, editor do D.O. Leitura. Jornalista, professor e advogado. Autor de livro de reportagens, em que entrevista e interpreta figuras expoentes da filosofia oriental.



*fabliau* (ou arremedo dele) vem do ano 1350, no momento em que a língua portuguesa, na península ibérica, oscilava entre as derradeiras influências do latim popular *sermo plebeius* e aquele falado pelos soldados, *sermo castrensis*. Em D. Ramiro ou a Lenda Gaia, o rei se deixa tomar pela *fermosura* de uma moura, irmã de Alboazer Alboçadam, "o que *conquereu* (conquistou) a terra no tempo do rei Rodrigo. A moura fez *enfinta* (fingimento) que o amava muito e mandou-lhe dizer que o queria ver, por se haver de conhecer com ele, *por as* (pelas) amizades serem muito firmes". E a narração segue, na linguagem deliciosa do português nascente.

Tudo, entretanto, representava uma tentativa para atingir o conto, que só veio a ter forma definitiva com o genial Boccaccio, principalmente no *Decameron*, obra marcada pela aguda observação da realidade e também por um certo apetite feroz e alegre da carne verde do cotidiano.

mente a cara e, morrendo, disse: "Por que me matas? Não te fiz nenhum favor".

Quanto ao processo de criação, autores como Alberto Moravia proclamam que o contista não deve perder o controle sobre a história (à maneira de Dickens que soluçava nos momentos em que uma de suas personagens morria). Saltando para a nossa realidade, Lobato, bem ao contrário, se confessa um prisioneiro de Emília, sempre a conduzir as suas mãos para um desfecho imprevisto. "Contos são bernes" também dizia. A gente pega os germes aqui e ali e eles ficam germinando em nossos misteriosos subconscientes". E que dizer deste contista contemporâneo que à hora das refeições fixa o olhar vagamente num ponto qualquer para surpresa do filho menor: "Papai está doente?" "Não" — tranquilizava a mãe — "ele está escrevendo".

Mas, após esta digressão propositalmente entremeada de episódios (de modo que uma exposição

